

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

23 Jan 2016
18:00 Sala Suggia

Pablo Rus Broseta *direcção musical*
Quarteto de Cordas de Matosinhos
Mei Yi Foo *piano*

In memoriam Manuel Dias da Fonseca

1ª PARTE

Vasco Mendonça

Still Point (2015; c.15min.)*

1. *Quiet, effervescent*
2. *Grave, restrained*

Luís Tinoco

Díptico, para piano e orquestra

(2004-05; c.17min.)

2ª PARTE

António Chagas Rosa

Antinous, para quarteto de cordas
e orquestra (1990/92; c.15min.)

1. *La pioggia* (A chuva)
2. *Il grido* (O grito)
3. *Il Nilo* (O Nilo)

Pedro Amaral

Transmutations pour orchestre

– *la bibliothèque en feu* (2007/12; c.18min.)

Cibermúsica 17:15

Mesa Redonda com os compositores moderada por **Jorge Alexandre Costa**

Todas as obras são encomendas da Câmara Municipal de Matosinhos

*Estreia mundial; encomenda da Câmara Municipal de Matosinhos e Casa da Música



casa da música



Entrevistas aos compositores sobre
o programa do concerto

<https://vimeo.com/album/3754186>

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA



APOIO



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Vasco Mendonça

PORTO, 1977

Still Point para orquestra

No primeiro dos seus crepusculares “Four Quartets”, T.S.Eliot medita sobre a relação entre tempo (sugerindo um contínuo – ou uma amálgama – entre passado, presente e futuro) e transcendência. A um dado momento do poema, Eliot oferece-nos a ideia de um ponto fora da voragem do tempo; um ponto de contemplação e síntese: “the still point of the turning world”. Esta imagem agradou-me: em parte como projecção da sequência de estruturas circulares em torno das quais a peça está organizada, e que vão evoluindo em espiral até à sua extinção, ou substituição; em parte, porque gosto de a imaginar a descrever o silêncio dos materiais, essa dimensão quase secreta da linguagem musical (onde, para Eliot, “the dance is”); por fim, como um comentário à própria natureza da música: a criação de um tempo fora do tempo.

Tive o privilégio de ser amigo do Manuel Dias da Fonseca, que me honrou com o seu apoio incondicional, e apreço, pela minha música. Tenho muita pena que não possa ouvir a estreia desta obra, que é escrita em sua memória. Quando o Manuel gostava muito de uma peça minha, vinha ter comigo no final do concerto e dizia: “vá-se lixar!” – e aquela interjeição era um misto de afecto, orgulho e comoção que só podiam existir em alguém com um amor tão grande à música – e um respeito tão profundo pelos que a fazem – como o Manuel. Quero imaginar que, se ainda estivesse connosco, seria esta a reacção dele na noite de hoje.

VASCO MENDONÇA

Luís Tinoco

LISBOA, 1969

Díptico para piano e orquestra

Díptico para piano e orquestra foi escrito entre 2004 e 2005 em resposta a uma encomenda da Câmara Municipal de Matosinhos. Este foi o primeiro trabalho em que procurei responder ao desafio de escrever para um instrumento solista e orquestra. O que, naturalmente, me levou a reflectir sobre a necessidade de equilíbrio entre os dois protagonistas de um discurso musical partilhado.

O título da obra – *Díptico* – remete claramente para o universo das artes plásticas; mas permite, também, enunciar uma solução formal, na qual optei por uma divisão em dois andamentos, que dão destaque a dois protagonistas – isto é, em que o solista abdica da tentativa do virtuosismo e de uma liderança permanente em sacrifício da orquestra.

Tendo como referente o mundo das artes plásticas – e, de algum modo, as obras pictóricas de artistas como Mark Rothko ou Richard Diebenkorn na sua fase geométrica –, em *Díptico* procurei dar vários níveis de definição ao instrumento solista. Por vezes, afirma-se claramente delineado, num primeiro plano; por outras, surge como uma simples (e discreta) transparência por entre as texturas e velaturas da escrita orquestral.

Díptico é dedicado a Manuel Dias da Fonseca, verdadeiro apaixonado pelas artes, incansável defensor e promotor do trabalho dos compositores, e um bom amigo com quem partilhei longas conversas sobre música! – e a quem devo a oportunidade de ter escrito esta partitura.

LUÍS TINOCO

António Chagas Rosa

LISBOA, 1960

Antinous, para quarteto de cordas e orquestra

“Antinous” é o título de um dos mais conhecidos Poemas Ingleses de Fernando Pessoa. O poema rescende a uma profunda nostalgia pela morte do efebo que o imperador Adriano amava e divinizou após uma morte prematura. Ao poema extraí três tópicos que permitem imaginar-se um tronco de sinfonia: a chuva, o grito e o Nilo.

Cada andamento apresenta uma temática específica que eu quis tratar no universo orquestral: o 1º andamento é uma música de texturas; o 2º contém jogos rítmicos antagónicos e violentos; o 3º segue um curso predominantemente melódico.

Esta obra foi escrita entre 1992 e 1994 como peça final dos meus estudos de Composição na Holanda. Foi pensada para uma grande orquestra, tendo à frente um quarteto de cordas solista que, no entanto, se dissipa frequentemente no tecido orquestral.

A peça segue um esquema estrito de ritmos e tessituras que, após tantos anos, se tornou para mim invisível. Contém uma eloquência descritiva na qual me revejo ainda, dado que muitas vezes a minha escrita provém de uma narrativa de natureza poética.

ANTÓNIO CHAGAS ROSA

Pedro Amaral

LISBOA, 1972

Transmutations pour orchestre – la bibliothèque en feu

Transmutations pour orchestre é o culminar de um longo projecto que atravessou uma parte da minha vida e cuja origem remonta aos meus tempos de estudante na Escola Superior de Música de Lisboa, no começo dos anos noventa. Influenciado pelas obras de Stockhausen e de Emmanuel Nunes, procurava desvendar as possibilidades de integração do espaço enquanto parâmetro composicional. Imaginei uma peça que tivesse lugar num auditório plano com três pequenos palcos formando um triângulo em torno do público. Em cada palco estaria um piano, e toda a música seria construída a partir das possibilidades de interação entre os três instrumentos, à distância, com o público entre eles. A peça chamava-se *Música para Três Momentos do Espaço* e pressupunha que cada piano, cada ângulo da figura, qual uma personagem de teatro, tivesse uma linguagem própria, um modo de expressão ao mesmo tempo singular e compatível com os outros em função de uma necessária responsabilidade contrapon-tística. Em determinados momentos a figura rodaria e os três diferentes modos de expressão atravessariam o espaço, de piano a piano, permitindo a cada parte da audiência ter uma percepção alternada das diferentes possibilidades dramáticas, do jogo composicional.

O projecto era ambicioso e envolvia complexas questões de escrita que transcendiam em muito o magro arsenal técnico de que então dispunha. Escrevi e rescreei a partitura durante meses, em folhas de papel Cavalinho com os

pentagramas e toda a notação desenhada a tinta-da-china, com régua e esquadro, num manuscrito interminável e para sempre inédito.

Sete anos mais tarde, no IRCAM¹, ao compor *Transmutations*, para piano e electrónica em tempo real, utilizei alguma dessa matéria inicial, trabalhando-a de um modo inteiramente novo e integrando-a numa estrutura global completamente reinventada. A dimensão espacial foi multiplicada por seis pontos materializados em seis altifalantes dispostos num hexágono envolvendo o público; o piano situava-se agora num único palco, frontal, em permanente diálogo com um computador que ora prolonga as suas ideias ora as confronta ou complementa numa geometria composicional em permanente mutação.

Transmutations para piano e electrónica (peça n.º 5.1 do meu catálogo) é a primeira realização acabada deste longo projecto que, nos anos seguintes, voltaria a dar frutos. Quando em 2005 recebi da cidade de Matosinhos a encomenda de uma peça orquestral, decidi regressar ao mesmo caudal que, na espessura do texto, acumulava então uma série de versões e desenvolvimentos possíveis de uma matéria comum.

Iniciei então os meus trabalhos em *Transmutations pour orchestre – La bibliothèque en feu*, trabalhos que se prolongaram pelos anos seguintes, várias vezes interrompidos por outros compromissos. O móbil inicial do projecto – a exploração da espacialidade enquanto parâmetro composicional – tinha ficado resolvido nas trajectórias hexagonais da peça com electrónica. Em compensação, a paleta orquestral abria agora novas e

múltiplas possibilidades, permitindo um aprofundar inaudito da matéria, uma reincarnação do gesto, uma transfiguração das formas.

Entretanto sucedeu algo na minha vida que alterou progressivamente a minha perspectiva como compositor em relação à orquestra: em 2008 fui convidado a reestruturar a disciplina de Orquestração e leccioná-la na Universidade de Évora. A orquestração é a arte de escrever para orquestra e é uma disciplina central na formação de um compositor. Para leccionar esta disciplina, que atravessa os três anos de uma licenciatura, tive de mergulhar no grande repertório orquestral, do Clasicismo vienense aos nossos dias, e procurar desmontar a linguagem, o estilo e os mecanismos próprios da escrita orquestral em cada época e em cada compositor. Esta experiência revelou-se determinante na minha forma de trabalhar. Para além da todas as subtilezas de coloração, apoiadas na eficácia do gesto e na funcionalidade instrumental, ganhei uma consciência clara da própria história da orquestração. Este conhecimento e esta prática pedagógica fez-me rescrever muitas passagens e até criar pontes inesperadas com certas obras-chave do pensamento orquestral. Na transição para a última parte da peça, por exemplo, há um momento de homenagem a Bruckner que reproduz quase literalmente a orquestração do início da sua *Sétima Sinfonia*. As notas e os ritmos são completamente diferentes, mas do ponto de vista orquestral a configuração é exactamente a mesma. Noutro ponto, na segunda secção da peça, há uma série de compassos que prestam uma homenagem directa a um determinado mecanismo orquestral que tem origem em Wagner e que atravessa as sinfonias de Bruckner e várias páginas de Richard Strauss. Naqueles compassos está plasmada a minha homenagem a esta

1. Institut de Recherche et Coordination Acoustique/Musique, em Paris, fundado por Pierre Boulez nos anos setenta por iniciativa do presidente Georges Pompidou.

genealogia. Não há uma única citação, mas há uma evocação simbólica de um mecanismo de escrita. Nos últimos compassos da peça, por outro lado, há um piscar de olhos quase reverencial a uma das mais emblemáticas páginas de Debussy. Toda esta cultura que eu não possuía – conhecia as obras mas não estava atento a esta dimensão em particular – transformou completamente a minha forma de compor para orquestra.

Por outro lado, como o subtítulo o revela, a composição propõe uma ponte com uma tela de Vieira da Silva, *La bibliothèque en feu*, de 1974. É uma obra que sempre me impressionou pela concentração das formas e da paleta cromática, pela redução notável do vocabulário, pelo admirável aprofundar do gesto numa série de variações consequentes. A figuração dos livros, das divisões da estante e do próprio rebordo da tela obedecem a um mesmo princípio de dedução formal (Paul Klee não está longe); de fora para dentro somos conduzidos através das várias etapas dessa dedução, assistindo a uma complexificação permanente das linhas e das cores nas suas relações recíprocas. Partindo das formas mais simples, chegamos a desenvolvimentos de extraordinária riqueza, num equilíbrio notável entre a permanência do gesto e sua renovação.

Ao evocá-la não procurei, de modo algum, reproduzir a sua construção na minha peça. Porém, a sua presença a partir de uma determinada fase da composição abriu espaço a um diálogo permanente, a uma confluência de ideias e a um aprofundar de técnicas – de dedução das figuras, de transmutação das formas, de variação do gesto – que são extremamente próximas, para lá das evidentes contingências na materialização das ideias em cada uma das artes.

Aqui se conclui um projecto que atravessou vinte anos da minha existência. Da peça inicial dos meus tempos de estudante terá, talvez, sobrevivido uma única frase, uma figura, um acorde, na definitiva partitura orquestral de *Transmutations pour orchestre*. E de um modo imprevisto, *a posteriori*, o próprio título acaba por evocar a contínua passagem do pensamento e da matéria através do tempo e das várias etapas da Obra.

PEDRO AMARAL

Pablo Rus Broseta *direcção musical*

Depois do aclamado concerto de abertura do Festival Musica de Estrasburgo em 2014, em que Pablo Rus Broseta dirigiu a Sinfónica SWR em concertos com o Ensemble Modern, o jovem maestro espanhol tornou-se largamente conhecido. Em 2015, estreou-se com sucesso na direcção da Sinfónica WDR de Colónia, Sinfónica da BBC e Sinfónica da Rádio e Televisão Espanhola. Em 2016 estreia-se com o Ensemble intercontemporain e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, sendo convidado para trabalhar novamente com as Orquestras WDR e SWR. No Outono de 2015, assumiu a posição de Maestro Assistente da Sinfónica de Seattle.

À vontade com o repertório para pequenos ensembles, sinfónico ou operático, Pablo Rus Broseta tem ganho experiência com a Orquestra Les Siècles (que toca em instrumentos de época) e com agrupamentos como a Orquestra Beethoven de Bona, Sinfónica de Bochum, Filarmónica de Liège e Orquestra de Valência. Apresentou-se em festivais como Klangspuren Schwaz, Transart em Bolzano, Ensembles em Valência e Cresc... em Frankfurt. Trabalhou de perto com compositores como Hans Zender, Johannes Maria Staud, Thomas Adès, Philippe Manoury, Magnus Lindberg, Martin Matalon, Francisco Coll e Luca Francesconi.

Pablo Rus Broseta estudou composição e saxofone no Conservatório de Valência, prosseguindo estudos de direcção em Lyon, no Conservatório de Amesterdão e na Universidade de Artes de Berlim. Recebeu conselhos de Bernard Haitink, Pierre Boulez, David Zinman, Kurt Masur e Steven Sloane. Foi maestro assistente da Filarmónica de Liège na

temporada 2009/10, na Academia Nacional Holandesa de Ópera em 2010 e na Orquestra Sinfónica de Jovens de Valência entre 2010 e 2013. Em 2011, fundou em Espanha o ensemble de câmara Grup Mixtour, que continua a dirigir, e com o qual procura trazer alguma renovação às salas de concerto, através de uma programação ecléctica que explora diferentes épocas e estéticas.

Mei Yi Foo *piano*

Mei Yi Foo foi vencedora do Prémio Revelação do Ano BBC em 2013, pelo seu álbum *Musical Toys* – número 3 da tabela clássica da Amazon; escolha das publicações The Times, The Examiner e Neue Zürcher Zeitung; CD da Semana de Lebrecht; e 5 estrelas na BBC Music Magazine e Klassik (Alemanha).

Entre os seus compromissos recentes e futuros incluem-se apresentações no Festival Internacional de Piano de Liepaja (Letónia), Elbphilharmonie em Hamburgo, Sinfónica de Stavanger e os regressos à Casa da Música, Royal Festival Hall com a Orquestra Philharmonia, festivais de Buxton e de Música Contemporânea de Huddersfield, entre outros. Recentemente estreou-se no Festival de Lucerna, Hong Kong City Hall, CRR em Istambul, Teatro Real em Madrid, Festival Pianodrom em Tirana, Wigmore Hall e com a Oviedo Filharmonia e a Filarmónica de Poznan.

A musicalidade comunicativa de Mei Yi Foo dá origem a convites frequentes de festivais internacionais tais como o Castletown na Virgínia, Ultraschall em Berlim, Das Neue Werk em Hamburgo, Mänttä na Finlândia, O/Modernt na Suécia, Fundação Pharos Arts em Chipre, Festival de Huddersfield, Festival Internacional de Música de Câmara de Lincolnshire e Britten-Pears em Aldeburgh. Tem-se apresentado em palcos como a Sala Finlândia, Megaron de Atenas, Filharmonica de Verona e Salle Gaveau, entre outras.

Cultiva também a música de câmara, desenvolvendo parcerias com Dimitri Ashkenazy, Nicolas Dautricourt, Shlomy Dobrinsky, Patricia Kopatchinskaya, Antti Siirala, Hugo Ticciati, Matthew Trusler, Bartosz Woroch e Ashley Wass. Para além de colaborar com

maestros e orquestras destacadas do panorama internacional, a sua facilidade de comunicação tem-lhe permitido dirigir orquestras como a Filarmónica da Malásia e os Russian Virtuosi. No âmbito da música contemporânea, desenvolve colaborações com Dai Fujikura, Richard Baker, Chris Harman e especialmente Unsuk Chin.

Para além da sua actividade como concertista, Mei Yi Foo lecciona no Royal Welsh College of Music and Drama. Foi homenageada com o título de Associate of the Royal Academy of Music, bem como o de Foundation Fellow da Wells Cathedral School. Natural da Malásia, Mei Yi Foo recebeu a medalha Setiawan Tuanku Muhriz pela sua contribuição para a arte e a música no seu país.

Quarteto de Cordas de Matosinhos

Vítor Vieira *violino*

Juan Maggiorani *violino*

Jorge Alves *viola*

Marco Pereira *violoncelo*

Aclamado como um “caso singular de excelência no panorama musical português” (Diana Ferreira, Público, 2010), o Quarteto de Cordas de Matosinhos (QCM) foi criado pela Câmara Municipal de Matosinhos através de um concurso público. Desde 2008 é residente desta cidade, onde desenvolve uma temporada regular de concertos.

Na temporada de 2014/15, o QCM foi escolhido como um dos ECHO Rising Stars, realizando uma tournée de 16 concertos em algumas das mais importantes salas de concerto europeias, como o Barbican em Londres, o Concertgebouw em Amesterdão, o Musikverein em Viena, as Philharmonies de Hamburgo e Colónia e a Konzerthaus em Dortmund. Apresenta-se também regularmente nas maiores salas de concerto portuguesas, como a Casa da Música, Fundação Calouste Gulbenkian e Centro Cultural de Belém, e colabora com alguns dos mais destacados músicos portugueses, tais como Pedro Burmester, António Rosado, Miguel Borges Coelho, António Saiote, Paulo Gaio Lima e Pedro Carneiro.

Desde a sua criação, o QCM assumiu um forte compromisso com o repertório português para quarteto de cordas, interpretando muitas obras menos conhecidas e abraçando novas obras de compositores contemporâneos: estreou já mais de 20 novas obras. O outro principal objectivo artístico do QCM vem sendo cumprido com a interpretação em Matosinhos do grande repertório para quarteto

de cordas: as obras completas de Mozart e Mendelssohn foram já apresentadas, estando em curso as integrais de Haydn, Beethoven e Chostakovitch.

O QCM e os seus membros foram reconhecidos com prémios nos mais importantes concursos musicais nacionais, como o Prémio Jovens Músicos da RDP e o Concurso Internacional de Música de Câmara “Cidade de Alcobaça”. Todos os membros estudaram na Academia Nacional Superior de Orquestra e aperfeiçoaram a sua arte em várias escolas de prestígio, incluindo a Escuela Superior de Música Reina Sofia (Madrid), a Northwestern University (Chicago) e o Conservatório de Sion (Suíça). O QCM também realizou formação especializada no Instituto Internacional de Música de Câmara de Madrid, onde estudou com Rainer Schmidt (violinista do Quarteto Hagen), além de trabalhar em masterclasses com membros de grandes quartetos de cordas, como Alban Berg, Lasalle, Emerson, Melos, Vermeer, Kopelman e Talich.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jérémie Rhorer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit, Takuo Yuasa, Lothar Zagrosek, Peter Eötvös ou Ilan Volkov. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Ana Bela Chaves, Sequeira Costa, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Cyprien Katsaris, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Lise de la Salle, Simon Trpčeski ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann, a que se junta em 2016 o nome de George Aperghis.

A Orquestra tem vindo a incrementar as atuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada

a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. Para além da apresentação regular do repertório sinfónico, a orquestra demonstra a sua versatilidade com abordagens aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines”, gravado com Mário Laginha, Maria João, David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi, seguindo-se em 2015 um disco com obras de Unsuk Chin, ambos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor. Em 2016 apresenta uma nova encomenda a George Aperghis em estreia nacional e as integrais das Sinfonias de Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

James Dahlgren*
José Pereira*
Vadim Feldblioum
Ianina Khmelik
Andras Burai
Maria Kagan
José Despujols
Vladimir Grinman
Roumiana Badeva
Tünde Hadadi
Alan Guimarães
Evandra Gonçalves
Emília Vanguelova
Ana Madalena Ribeiro*

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Mariana Costa
Pedro Rocha
Francisco Pereira de Sousa
Domingos Lopes
Lilit Davtyan
Vítor Teixeira
José Paulo Jesus
José Sentieiro
Nikola Vasiljev
Germano Santos

Viola

Aida-Carmen Soanea*
Anna Gonera
Mateusz Stasto
Theo Ellegiers
Emília Alves
Biliana Chamlieva
Hazel Veitch
Luís Norberto Silva
Jean Loup Lecomte
Rute Azevedo

Violoncelo

Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
Gisela Neves
Bruno Cardoso
Michal Kiska
Aaron Choi
Hrant Yeranossyan
Américo Martins*

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Nadia Choi
Jean Marc Faucher
Joel Azevedo
Altino Carvalho
Slawomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Rafael Sousa*
Roberto Henriques*
Tamás Bartók

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
João Moreira*
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov
Pedro Silva

Trompa

Bohdan Sebestik
Hugo Carneiro
Eddy Tauber
Pedro Fernandes*
Luís Duarte Moreira*

Trompete

Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito
Dawid Seidenberg

Trombone

Severo Martinez
Ricardo Pereira*
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
Pedro Góis*

Harpa

Ilaria Vivan
Carolina Coimbra*

Piano/Celesta

Luís Filipe Sá*

*instrumentistas convidados



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

MECENAS CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

mas PORTO PALÁCIO
CONGRESS HOTEL & SPA
OPORTUNIDADE CULTURAL

SONAE

 REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

 **BPI**